

DE PIAGET A FREUD - A (PSICO)PEDAGOGIA ENTRE O CONHECIMENTO E O SABER

Leandro de Lajonquière, Petrópolis, Vozes, 1993.

Elisabete MOKREJS*

O percurso do autor, nesse texto, é instigante. Sob uma ótica que foge à ortodoxia psicológica e pedagógica o texto apresenta, nas quatro partes que o compõe, alguns desafios capazes de assombrar algumas vertentes teóricas mais consabidas.

A questão da aprendizagem tem sido, genericamente, veiculada a partir de variáveis que atendem behavioristas, cognitivistas ou mesmo freudianos mais adeptos à teoria do Ego ou, ainda, piagetianos movidos estritamente, pela descrição fenomenológica da conduta inteligente. São interpretações que, a despeito do zelo dos especialistas, adquirem vezes mecanicistas, fortemente endossados por uma pedagogia que fundou sua atuação na relação entre fins e meios da educação.

Porém, o que move a interpretação para compreender o "Isso" que se interpõe entre o ensinado ou aprendido - consciência, inteligência, afetividade ou organismo - é sempre, no entender do autor, uma posição explicativa que supõe o Estímulo e a Resposta. E aqui intervêm também a clássica dicotomia: desenvolvimento ou aprendizagem que, em última instância, sanciona a idéia que uma "prática psicopedagógica adquira o perfil de uma mecânica ortopédica de reabilitação ou de uma estratégia consolativa ou mero 'apoio

* Professora Doutora do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP.

pedagógico" (p.19). A busca do autor para a compreensão desse "Isso", dessa "substância" misteriosa que impede a aprendizagem, tenta descartar as falhas da realidade do organismo e, mesmo, relativizar o aspecto maturacional "como limite, e não como causa" (p.20), para fazer emergir o estatuto do simbólico na caracterização do sujeito psicológico.

A fala do "caso Alicia", que numa prova piagetiana pondera: "parece que tem mais pretas que brancas porém há a mesma quantidade de brancas que de pretas... parece alguma coisa mas não é... talvez eu pareça tonta mas não seja", exemplifica, no autor, uma situação em que o erro (colocado, no caso, na ausência da conservação das quantidades) sugere a presença de dois vetores: o da inteligência segundo Piaget, e o do inconsciente segundo Freud, ambos constituindo o "Isso" que interfere no ato de aprender.

Esse cruzamento da ordem do conhecimento com o da ordem do saber foi pontuado por Lajonquière (3ª parte), que se dispôs, com firmeza, à discussão sobre a articulação entre a epistemologia genética e a psicanálise. Ciente das escaramuças presentes na associação razão-afetividade, o psicanalista argentino aponta para a precariedade das diferentes posições que discutiam, ora do ponto de vista da afetividade, ora do ponto de vista cognitivo. No limite dessa discussão, o seu propósito é o de apontar caminhos para entender até que ponto "a estruturação desiderativa" pode representar o papel decisivo nessa questão, sem perder de vista, em nenhum momento, as teses piagetianas. Para isso, funda-se na perspectiva da transdisciplinaridade para efetuar "um autêntico trabalho de reconstrução conceitual".

Se, na segunda parte do livro, o autor clarificou alguns operadores de leitura piagetiana, na quarta parte encontramos-lo imerso na "constituição do sujeito do desejo", o que se verifica no âmbito do "estádio do espelho e do complexo de Édipo".

Assim, no processo de aprendizagem, o psicopedagogo argentino pondera que "na medida em que o sujeito reconstrói o conhecimento socialmente compartilhado, reconstrói-se, efetivamente, como sujeito cognoscente, isto é, estrutura-se como sujeito epistêmico". Desta forma, a conjunção do Conhecimento e do Saber, sugerindo uma reconstrução por parte do sujeito a partir de um estatuto desiderativo, que não perde de vista e inclui em si mesmo a logicidade de ambos os processos, leva, a nosso ver, a um redimensionamento do conceito de construtivismo, que percebemos sempre presente e constitui a marca da originalidade do trabalho de Lajonquière.

Desviando-se dos atalhos nebulosos que se confundem no interior dos estudos tradicionais da cognição e da afetividade, talvez a pedagogia logre, na dicotomia Conhecimento-Saber, discutida aqui por Lajonquière, vislumbrar um novo encaminhamento para as intrincadas questões que envolvem o não-aprender.

(Recebido para publicação em 07.02.94 e
liberado em 28.02.94)